

POVO ALGARVIO

AVENÇA Preço Avulso 3500



SEMANÁRIO REGIONALISTA

Director Interino: DANIEL ANTÓNIO PRIMO PIRES

Proprietário: MANUEL VIRGÍNIO PIRES (Herdeiros)

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13 — Telefone 22503 — TAVIRA • Composição e Impressão — Tipografia União — Telefone 22319 — FARO

Delegação em Faro: Largo de S. Sebastião, 5 — Telef. 23706 (para onde deve ser dirigida toda a correspondência)

A FIGURA AUSTERA de Teófilo Braga

O artigo que G. de M. publicou no n.º de 8 de Fevereiro do «Povo Algarvio» sobre «Um homem simples» trouxe-me à luz da consciência a imagem viva de Mestre Teófilo Braga e do ambiente histórico em que a sua figura austera se perfilava como símbolo de um caminho moral que foi trilhado por muitos dos que viveram o entusiasmo dos primeiros tempos da Primeira República. E, numa época em que a austeridade e o entusiasmo pelo trabalho devem condicionar a conduta dos portugueses de hoje, a figura de Teófilo, que eu conheci na sua modesta casa

pele Dr. José Neves

da rua de St.ª Gertrudes, na encosta nascente do alto da Estrela, em Lisboa, levanta-se nos longes do tempo como um exemplo nobre a condenar, pela dignidade do seu porte moral, aqueles que, hoje, em vez de enfrentarem os grandes problemas nacionais, se entretêm, nos plenários, a discutir temas bizantinos com prejuízo do trabalho sério e indispensável para a renovação das estruturas económicas, dentro das quais, e só então, poderá nascer uma mentalidade nova, base de essa renovação nacional com que os homens do tempo de Teófilo sonharam, embora no enquadramento de conceitos que estruturavam o pensamento e a acção da burguesia e que já não podem ser os de hoje.

Convidado por um colega, que de mim falara ao Mestre, para ajudar este nos trabalhos complementares que se seguiam à elaboração dos seus estudos, durante certo tempo, antes da-

Nós e as Eleições

Começa, dentro de relativamente poucos dias, o período legalmente fixado para a Campanha Eleitoral com vistas à Eleição de Deputados à Assembleia Nacional Constituinte, campanha que decerto vai mobilizar todos os meios de informação e designadamente a Grande e Pequena Imprensa.

Este jornal, para intervir ou tomar parte nessa Campanha, teria de «dar um tratamento não discriminatório às diversas candidaturas» que se apresentem, o que significaria, em termos práticos, inserir nas suas colunas noticiário sobre os programas e actividades de todos os Partidos concorrentes, sem qualquer excepção, e dedicando a cada um deles espaço precisamente igual ao destinado a cada um dos restantes. E isto, não só para integral cumprimento do que dispõe a Lei Eleitoral, mas ainda para se manter fiel à orientação apartidária que adoptou, e crê que tem seguido na actual fase da sua existência, orientação em que deseja manter-se e porfiar durante as Eleições e para além delas.

Ora, as bem pequenas dimensões deste semanário tornam aquele procedimento muito difícil ou mesmo impossível. E tanto

(Continua na 5.ª página)

quela vida operosa ter terminado o ciclo da sua existência, convivi com Teófilo Braga. Antes de iniciarmos a revisão das provas tipográficas da sua «Recapitulação da História da Literatura Portuguesa», o Mestre dialogava sobre os homens e sobre os acontecimentos da época.

Era no Inverno de 1923 para 1924. O Mestre, já cego, ao sinal combinado de umas pancadas no receptáculo da correspondência, aparecia a saudar o discípulo que, naquele dia, vinha ajudá-lo naquela modesta moradia onde Teófilo escrevera 163 obras e onde erguera, pela primeira vez, as pedras essenciais de um grande monumento — a História da Literatura nacional. Envolto no seu sobretudo já muito usado, conduzia os amigos para a casa de jantar que tinha uma porta que dava para o quintal-jardim a que se refere G. de M.. Recordo vividamente o ar busto que se divisava através das vidraças e de cujas hastes o Mestre fazia as suas canetas.

Habitado a preleccionar, tinha sempre um tema a apresentar. Nacionalista apaixonado, como o foram os homens da época demo-liberal, era, muitas vezes, sobre os lusitanos e o foco da cultura bronzífera peninsular que o Mestre dissertava. Quando nos maços de apontamentos (usava umas pequenas pastas) e de recortes de jornais

(Continua na 3.ª página)

Homens do Povo

Porque em descoloridos apontamentos temos recordado alguns nomes que ficaram na história da cidade, que nela se celebrizaram ou que brilharam longe como as plantas epigeas que se desenvolvem fora da terra, parece-nos justo que guardemos também uma grata lembrança para todos os grandes Pequenos, os Inominados, que por suas mãos inscreveram na laje rasa do tempo a grande epopeia da «cidade mais principal do Reyno dos Algarves».

As grandezas da história, sempre atribuídas aos grandes, raras vezes lhes devem, só a eles, as coroas de loiro pendentes dos arcos de triunfo e as memórias epigrafadas nas cartelas dos monumentos. Eles incentivaram, tomaram parte activa, sem poderem, entretanto, prescindir da cooperação dos humildes, no processo do desenvolvimento duma civilização.

Não parece justo dispensarmos, para com os últimos, duma palavra de calorosa homenagem pelos inclitos sacrifícios e trabalho anónimo passando em litânia monócórdica através dos séculos.

Dos homens da gleba, que é deles os seus nomes?

Arrotearam, semearam, endireitaram a haste ainda tenra das árvores ciclópicas que os actuais iconoclastas fitofobos, com gesto superior, derrubam por inúteis. Guardaram o armento que ainda hoje

Intensificai tudo quanto contribua para a unidade no sentido de se construir uma democracia pluralista e livre e procurar esquecer os atritos possíveis na luta política.

Gen. COSTA GOMES

Vamos todos Votar!

Aproximam-se as Eleições, já anunciadas pelo Sr. Presidente da República, como todos sabemos, para o dia 12 de Abril próximo. Não se trata, porém e desta vez, de umas «eleições quaisquer». Trata-se, antes, de umas eleições decisivas para o futuro do Povo Português, já que nelas se vão escolher os deputados que elaborarão a Lei Fundamental da Nação Portuguesa. E que, natural e evidentemente, as características do regime sócio-político-económico, que a mesma Lei institucionalizará, dependem do modo de pensar daqueles que a elaborarão e portanto da ideologia e dos programas dos partidos políticos a que pertencem e pelos quais se candidatam a deputa-

Por tudo isto, nestas eleições, mais do que em quaisquer outras, os cidadãos com direito a voto devem estar presentes e devem ponderar maduramente a decisão que tomem quanto à escolha do partido a quem vão dar o seu voto. Nenhum cidadão tem o direito de se abster e faltar ao próximo acto eleitoral; todos têm o dever de votar conscienciosamente, pensando apenas nos reais interesses do Povo Português e no futuro de Portugal como Nação democrática, livre, independente e próspera.

Mas, como escolher o partido em que cada um votará? Fiéis à orienta-

ção apartidária que este jornal adoptou e segue, não poderemos nem deveremos aconselhar aqui qualquer partido; nem mesmo aquele que por ventura tenha as nossas simpatias pessoais e pelo qual venhamos a decidir-nos individualmente na hora própria. Podemos, no entanto, apontar algumas «regras gerais», chamemos-lhe assim, que podem ser seguidas, e em nosso modesto entender devem ser seguidas, por todos os cidadãos, para fazerem conscienciosamente a sua opção.

«Na escolha de um partido (parece-nos, utilizando aqui conceitos e palavras de entidade com longa e profunda experiência dos homens e da vida) é de ter em conta genericamente o seguinte: a qualidade dos princípios e dos sistemas que serve; a sua viabilidade e oportunidade no caso concreto que está em jogo; a garantia de que a organização partidária oferece de fidelidade e eficiência na acção; e, extrinsecamente ao partido, as exigências do bem comum, que podem pedir em favor deste o sacrifício das preferências partidárias. E deve ter-se ainda em conta, especificadamente, o programa do partido e a ideologia que o inspira».

Objectar-se-á, talvez, que a adopção de tais «regras» requere uma iniciação política e democrática que falta, sem culpa sua, a muitos dos cidadãos eleitores portugueses. Não nos parece, todavia, que assim seja. E justificando esta opinião, diremos (utilizando ainda palavras e conceitos bem fundamentados da mesma entidade acima referida): «Cada pessoa, confrontando as suas idéias, tantas vezes parcelares e confusas, com um qualquer programa partidário, descobre realidades e perspectivas que lhe escapavam. E depois, confrontando programas de partidos diversos, vê-se impelida a uma salutar atitude crítica. E se continuar a procurar com seriedade

Estamos a aprender esforçadamente a viver em liberdade. Decretos não bastam. A vivência em sociedade livre terá de impregnar os sentimentos, as atitudes e os comportamentos de todos nós; teremos de a conquistar, integrá-la na nossa personalidade colectiva num processo não isento de vários sobressaltos.

Gen. Costa Gomes

Assim, também não!

Parece que os meios de informação se ocuparam largamente do modo como em Portugal se inaugurou o ano internacional da mulher. Deixem, no entanto, os leitores, que algumas considerações aqui fiquem expostas, considerações de quem se encontra num ponto afastado, de observação desapassionada mas atenta.

Não ficou de parabéns quem tomou parte na primeira reunião. Sem faltar ao respeito às militantes do M. C. M., aqui lhes pedimos que permitam uma apreciação sincera do seu programa, ressaltando embora as boas intenções com que o elaboraram.

Se nos derem licença, a ideia da «queima» foi um bocado infeliz. Queimar os objectos que sugerem a sua «escravidão» foi o conceito que presidiu à elaboração do número. A nós parece-nos que os objectos que se referem aos trabalhos domésticos, na

maior parte a cargo da mulher, são os seus atributos de fada do lar e da realeza de que se exorna aos olhos de marido e filhos. A casa pertence à mulher. Se ela pretende também a rua, que deixa, enfim, para o homem? A obrigação de lhe entregar o dinheiro que ganha? As ocupações caseiras não se reduzem a coser meias, todos o sabem, e não faltam mulheres que, ocupando-se da casa, educaram os filhos e se dedicaram aos seus passatempos preferidos. Uma delas, recorda-nos agora, foi D. Júlia Lopes de Almeida. Dava conta do serviço da casa e do ranchinho de filhos e a certa hora dizia: — «Agora vão tratar das suas brincadeiras, que eu vou tratar das minhas». E escreveu vários e válidos livros, nos intervalos dos trabalhos domésticos. O seu primeiro leitor e admirador era precisamente o

(Continua na 2.ª página)

e afinco, poderá chegar, mesmo sem grande iniciação política, a uma opção suficientemente consciente e livre».

O que é preciso, portanto e acima de tudo, é que todos os cidadãos eleitores, e mais do que nenhuns exactamente os menos iniciados, se não deixem seduzir apenas por propagandas, promessas e manobras sejam de que espécie forem e seja de quem for, que não se precipitem por simples leviandade ou preguiça e antes se deem previamente e com interesse ao estudo e ponderação das ideologias, e sobretudo dos programas de acção prática, de todos os partidos em presença nas próximas eleições. E que só em resultado desse estudo e ponderação, tendo em conta não apenas as suas simpatias, gostos ou interesses pessoais, mas que está em jogo o futuro de todos os portugueses, tomem a sua decisão de votar neste ou naquele partido.

Vamos, pois, todos votar. Mas, porque acima de tudo se tratar de eleger os deputados que elaborarão a futura Constituição Política da Nação Portuguesa, antes de nos decidirmos por este ou aquele partido, estudemos e analisemos com minúcia e discernimento, o projecto de Constituição que cada um dos Partidos em presença nos apresentar e pretender ver aprovado; e votemos apenas e só no partido que apresentar o projecto de Constituição que em nossa consciência entendermos que melhor serve Portugal no presente e no futuro.

O. P.

Mentalidade pequeno-burguesa

Dado que nos últimos tempos e em alguns pontos do nosso Algarve, sobretudo em meios rurais (parece impossível, mas é verdade!), têm surgido ataques, directos ou indirectos, às religiões em geral e em especial ao Catolicismo e seus Sacerdotes, não resistimos a transcrever aqui hoje alguns passos de uma entrevista recentemente concedida pelo insuspeitíssimo socialista Dr. Salgado Zenha, Ministro da Justiça do Governo Provisório Português, ao diário «Republica». Nessa entrevista, em que se focava a revisão da Concordata com a Santa Sé no ponto em que aquela se refere ao divórcio (assunto a que nos referiremos no próximo número, pelo seu interesse), disse aquele lúcido estadista (de interesse para o caso que nos ocupa agora):

«(...) eu não penso que a Igreja Católica seja tão reaccionária como certas pessoas dizem. Tenho ouvido mesmo certos ataques à Igreja Católica que considero autênticas agressões ideológicas» contra a sensibilidade religiosa do povo português (...) e lamento

(Continua na 3.ª página)

Dr. José Neves

Publicamos hoje, com justo relevo, um artigo do Dr. José Neves, professor aposentado do ensino secundário e antigo vice-reitor do Liceu de Faro, onde leccionou durante algumas décadas, urangeando a merecida admiração e amizade de colegas e alunos. Sem dúvida nenhuma um dos mais altos valores da intelectualidade algarvia, embora desde sempre procurando esconder-se na maior modéstia, o seu incontestável prestígio na nossa Província e fora dela honra estas colunas; e todos os que nesta casa trabalham sentem-se imensamente honrados com a sua valiosa colaboração. Porque assim é, não podemos deixar de, com os nossos agradecimentos por tão valiosa colaboração, reafirmar aqui ao ilustre Mestre a nossa sincera admiração, velha de mais de quarenta anos porque vem dos tempos em que andámos pelos bancos liceais.

Reflexionando...

(Continuação da 4.ª página)

Povo, de facto, designa-se o conjunto de habitantes de um país, de uma localidade, multidão de gente. Porém, as classes superiores, quando se referem às classes inferiores classificam-nas Povo, Plebe, Ralé, olhando-a com declarada repugnância e aversão!

Já assim classificaram os Romanos a todos os seus vencidos escravizados, sujeitando-os aos mais vis vexames. Foi por isso que as classes inferiores gregas, apoiadas ou dirigidas pelos seus filósofos racionais, em certa altura, revoltaram-se contra as classes «superiores» e fundaram a sua Democracia, a Soberania Popular. O Governo do Povo, ou seja a influência do Povo, as classes inferiores na governação pública. É a classe social, que compreende o operariado e a população ínfima.

A burguesia, a chamada classe média da Sociedade, aqueles que habitavam burgos, Paços, Mosteiros, vilas, casas nobres, homens pouco delicados, não são classificados, socialmente, Povo. A sua ética é incompatível com a Democracia porque este sublime ideal não é uma rodilha destinada a limpar as mãos sujas de qualquer farsante que procura esconder-se no seio da pacificidade!

Isso seria o mesmo que um lobo disfarçar a sua maldade, ves-

Homens do Povo

(Continuação da 1.ª página)

pateavam mostrando reprovação, quando não se tinham inventado intermediários ignaros que «trabalham e sensibilizam as massas» à medida do seu interesse; o caldeireiro ou o alquilador, o tanoeiro ou o alvenal que iam às cortes e se sentavam no 2.º banco para decidirem as questões do Reyno, em vez de «canudo» levando a garantia do direito no seu hom senso, amor da Pátria e impoluta lisura de carácter; os bons burgueses, armadores de barchas e fragatas, galeões e galiotas que desatracavam em demanda da Flandres ou dos mares do Levante e tiveram o coval nos miteriosos jardins submáris, os que sucumbiram estrados e inanes nas secas areias da África; os que regalaram os papos dos abutres ou, pestíferos, foram lançados semi-vivos ao fundo da vala; os que na sagrada melopeia gregoriana rogavam a Deus pelos destinos dos homens e das suas empresas; os que, emparedados nalguns dos 7 mosteiros da cidade, fizeram mortalha dum mongil safo e desboto; todos os que cumpriram sem uma nota própria a tarefa despersonalizada e enfadonha, idênticos como os alvéolos dum favo de abelhas; os aleijadinhos, entrevados, cegos e gagos, que dia a dia saboreiam a amargura da existência evanescente... que a nenhum, nenhum, falte uma palavra afectuosa e grata!

O seu trabalho silencioso, repetem-no os séculos e, como o mármore que o escultor não assinou, continua a testemunhar, à luz das estrelas, que foram grandes sem dimensão, preciosos sem recompensa, apagados nas perpetuamente irradiantes de préstimo e exemplo.

Que na Paz, nela mesma, durmam e descansem, convictos de que foram, e serão sempre, os Maiores!

G. de M.

tindo uma pele de ovelha, cuja carne ele devorara, e procurar depois enganar qualquer rebanho de pacíficas ovelhas!

Entretanto, os elementos que fazem parte da chamada burguesia podem fazer parte da Sociedade Democrática. Como? Simplesmente:

Terão de abandonar, para todo o sempre a sociedade burguesa e com toda a sinceridade, trabalhar, lutar em prol da colectividade Democrática. Só assim a ex-burguesia terá direitos a unificar-se ao Povo, fazendo parte da sua ética, confundindo-se, de facto, com ele — porque se torna seu verdadeiro irmão, trabalhando, a seu lado, o mesmo pão e sofrendo as mesmas dificuldades, vivendo a mesma Vida, a mesma Alegria e idêntica dor!

Assim, sim, e só assim, todos esses homens que se olham com ar de superioridade e olham esse Povo, constituído por elementos classificados seres inferiores, ralé, plebe, com notável frieza, atirando o seu orgulho, por fim, à tabua, então, e só então, terá direito de se intitular parte do Povo lutando, a seu lado, repito, política e socialmente — e, nunca, feitos vampiros autênticos, sugando-lhe o sangue, numa permanente exploração!

A Democracia é uma e não se pode dividir em partes, classificando-as Direita, Centro e Esquerda, ao apetite de cada cavaleiro qualquer o qual procura empoleirar-se no Capitólio político, enganando constantemente o Povo, com as suas manhosas e adocicadas palavrinhas mansas de raposa atrevida e sabida.

A Democracia é Pura, como a água de uma Fonte Cristalina, destinada a matar a sede ao caminhante em dias de calor abrasador, escaldante, suavizando-o na sua longa caminhada, que é a Vida de nós todos!

MANUEL GERALDO

SURDOS

CASA SONOTONE



A Directora Ilda Santos em serviço de Inspeção e aproveitando para fazer exames e demonstrações apresenta os últimos modelos de aparelhos auditivos óculos só de encostar à cabeça sem fios nem pipetas vendendo pilhas de todas as voltagens, prestando assistência técnica a todos os aparelhos sejam ou não vendidos por nós de qualquer casa ou marcas. Aproveitem esta única oportunidade nas seguintes localidades:

DIA 26 DE FEVEREIRO — 4.ª FEIRA

Faro — Farmácia Baptista — Das 9 às 12
Albufeira — Farmácia Piedade — Das 15 às 17
Armação de Pêra — Farmácia Ventura — Das 18 às 19

Com a vossa visita ficaremos muito agradecidos em:

LISBOA — Pôço do Borratém, 33 S/L — Telef: 868352
PORTO — Praça da Batalha, 92 - 1.º — Telef: 02 - 315602
LUANDA — Av. dos Restauradores, entrada pelo Largo
Luís Lopes Sequeira, 2 - 2.º A — Telef: 38381

CABELEIREIRO LÍDIA & VENTURA

FARO
DEPILAÇÃO ELÉCTRICA
Marcações
pelo telefone 23985
FARO

Estabelecimento

Taberna e drogaria trespassa-se com bom ramo de negócio.

Trata: José Joaquim dos Santos — Rua Oliveira Salazar — Luz de Tavira.

Câmara Municipal de Tavira

EDITAL

ALTERAÇÃO DA FORMA NATURAL DOS TERRENOS

JOSE ANTÓNIO DOS SANTOS, Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Tavira.

TORNA PÚBLICO que esta Comissão Administrativa, na sua reunião ordinária realizada no dia 22 do mês de Janeiro do corrente ano, deliberou por unanimidade aprovar o seguinte edital:

«A alteração da forma natural dos terrenos através de escavações, aterros, terraplanagens ou de quaisquer outras operações, poderá implicar problemas graves na inutilização desses mesmos terrenos.

Assim, só se poderá proceder à alteração da forma natural dos terrenos após estudo prévio e consequente autorização desta Câmara Municipal.

A não existência do estudo e autorização atrás referidos coloca os prevaricadores sob as sanções da Lei».

Para geral conhecimento se publica o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho de Tavira, 4 de Fevereiro de 1975

O Presidente da Comissão Administrativa,
José António dos Santos

Assim, também não!

(Continuação da 1.ª página)

grande escritor brasileiro Filinto de Almeida, seu marido.

Não precisou de dar espectáculo, andar de cartaz na mão, deitar a vassoura ao fogo e outras infantilidades que só provam, afinal, que as mulheres que a elas se dedicam não chegaram à maior idade. E como não chegaram à maioridade, naturalmente se vêem constringidas a observar os preceitos do código civil e o detestam.

Parece-nos e ousamos esperar que concordem conosco: as mulheres não se «libertarão» (já que escolheram o termo) enquanto se não valorizarem e dignificarem por um comportamento sério e digno.

Quando os homens notarem que na mulher existe, de facto, uma superioridade de carácter e um comportamento inteligente e sério, certamente se sentirão, mesmo que o não queiram, em posição de respeito e procurarão assumir responsabilidades a que presentemente se não julgam obrigados. Juntar a garridice e outros processos de lhes chamar a atenção, é que confessa simples inferioridade.

Para o comportamento masculino, a visita ou a assistência ao Parque Eduardo VII foi uma amostra muito e muito mais desanimadora. Marcou bem o estado em que se encontra uma notável parcela do povo português. São homens de tal comportamento os que falam duma consciência política e se arrogam o direito de votar?

Não podemos crê-lo. Não. Em Portugal, mulheres dignas, a que chamamos Senhoras, mesmo

quando pobres e rústicas, ficaram em casa e não acorreram a «libertações», porque o seu bom senso as conserva sempre livres e dignas. E homens honestos, probos, trabalhadores, também encontram mais em que se ocupar que em correr a foguetes ou comportar-se indevidamente onde quer que seja.

No princípio do século, as sufragistas inglesas deram muito que fazer e que falar a Churchill, Lord Cecil, Lord Asquith e outros políticos de então, à frente do parlamento inglês. Fizeram tristes figuras mas eram explícitas: «Votes for Women». Naturalmente, quem paga impostos, poderá votar... As manifestantes portuguesas não se definem, queimando o Código parece que pretendem viver fora da Lei e os seus antagonistas, negando a evolução das espécies, ficaram na época terciária dos primatas.

No final da festa esperamos ver o melhorzinho. É que não havendo um partido chefiado por um elemento feminino, as recenseadas enviarão os «mil votos» da charge aos seus «opressores», nas próximas eleições...

Ora, o Ano Internacional da Mulher deveria ser um pouco mais bem aproveitado, pois não é?

J. L.

VENDEM-SE

Lotés de terreno para construção à Porta Nova — Tavira
Trata: Augusto Gaspar — Porta Nova — Telefone 22282 — TAVIRA.

HOTEL VASCO DA GAMA

MONTE GORDO

ABERTO TODO O ANO

1.ª CLASSE - A — 200 QUARTOS

RESTAURANTE — BOITE — BAR — PISCINA

Telef. 321 - 322 - 323 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

A FIGURA AUSTERA de Teófilo Braga

(Continuação da 1.ª página)

aparecia uma caricatura sua, dizia: «Deixemo-los; são balas frias!». Mas naquele espírito ainda se levantava a revolta contra a atitude do «Coburgo» (pronunciava Cóbargo, acentuando o ó) que, perante a rainha, eloquentemente se divorciara da vontade do povo, apontando ameaçador os navios estrangeiros ancorados no Tejo, em frente de Belém. Ouvia-se ainda nessas conversas o eco das controvérsias da época das Conferências do Casino Lisboense. Não se apagara também a animosidade contra Herculano que comentara, em termos desagradáveis para os jovens conferencistas, a proibição daquelas célebres conferências que tanto abalaram a mentalidade conservadora do tempo.

Pelos fins de Janeiro, chega-nos a notícia da morte de Lenine. Teófilo seguia atento o desenrolar da grande revolução proletária. Lembro-me de, nesses diálogos introdutórios do trabalho, o Mestre ter formulado hipóteses sobre a morte do activo dinamizador da revolução russa. Que, por muito ter trabalhado, teria sido vítima de «angina pectoris».

Teófilo, que tinha como modelos morais duas grandes figuras da humanidade — Spinoza, o filósofo da «Ética», e Beethoven, o músico incomparável (ouvi-lho eu quando, numa pequena saleta do 1.º andar da pequena vivenda, saudava, em 1922, os estudantes que o foram cumprimentar por ocasião das suas Bodas de Ouro no magistério), Teófilo era a encarnação viva do homem simples que vivia exclusivamente para o seu trabalho de investigador e para o seu culto pela renovação nacional. Vivia, então, só. Uma antiga criada, que morava na mesma rua, levava ao estóico os parcos alimentos que iam mantendo aquele organismo de octogenário. Não havia luz eléctrica na vivenda da travessa de St.ª Gertrudes; quando a tarde ia adiantada, o Mestre levantava-se e, tacteando, acendia o candeeiro de petróleo. Era a hora em que as galinhas começavam a debicar na porta da sala. Vê — dizia-me — estão a pedir a comida. E lá ia espargir, com os seus longos dedos, os grãos sobre os animais.

Quando Presidente da República, não mudou os seus hábitos. O Prof. Agostinho Fortes conseguiu que ele mandasse fazer uma sobrecasaca nova para se apresentar na «repartição»; mas para esta dirigia-se, como qualquer cidadão que fosse para o seu emprego, nos transportes colectivos.

Nas vésperas da morte disse-me que se sentia doente. Perante o conselho da conveniência de se chamar um médico, respondeu: — «Não é preciso; a vida segue o seu caminho natural».

E seguiu para o fim um ou dois dias depois... Numa manhã fria, mas soalheira, dos fins de Janeiro de esse já longínquo 1924, Queiroz Veloso entrou num dos corredores da Faculdade da

Mentalidade pequeno-burguesa

(Continuação da 1.ª página)

que haja algumas pessoas que (...) façam ataques contra a Igreja Católica que em meu entender não passam de um renascimento deplorável do jacobinismo pequeno burguês da Primeira República, que tantos prejuízos causou à vida nacional e à democracia no nosso país».

E depois: «(...) há que referir que a religião católica é não uma religião do Estado, mas é uma religião nacional, no sentido que a maioria da população portuguesa é católica ou pelo menos tem uma formação cristã que a inspira. Esse parece-me um dado com que temos de nos conformar. É possível que tenham existido atitudes reaccionárias de certos elementos do clero, assim como existem atitudes reaccionárias por parte de ateus. Não considero que um católico seja mais reaccionário que um ateu só por ser católico. Pelo contrário conheço muitos ateus mais reaccionários que católicos. (...) O que não há dúvida nenhuma é que tenho assistido a ataques insistentes contra o clero que considero agressões ideológicas desnecessárias que se baseiam mais num jacobinismo pequeno burguês que numa justificação real. Se por ventura um elemento do clero católico toma posições reaccionárias é ele que individualmente deve ser criticado e não o clero católico. A mentalidade jacobina pequeno burguesa que noto existir por vezes, em vez de favorecer a democracia vai favorecer a reacção».

Um só comentário, a propósito. Os que atacam a religião, a Igreja e o clero aí por essas aldeias algarvias (e não só!) a julgarem-se, por isso, muito progressistas, mesmo ultra-progressistas, e afinal a sua mentalidade é puramente pequeno-burguesa, na opinião autorizada do Dr. Salgado Zenha!...

Rua do Arco a Jesus dizendo, angustiado: «Morreu o Doutor Teófilo!» Corremos a casa do Mestre. Lá estava no seu leito, com o corpo inclinado para a direita e a cabeça apoiada na parede. Um veio de sangue corria-lhe da boca. Quando alguns estudantes chegaram trazendo braçadas de flores, estavam junto do cadáver Agostinho Fortes, Bernardino Machado, Magalhães Lima. Dois deles, abraçados, disseram: «Ficamos nós!» Ficavam para defesa dos ideais republicanos, mas a primeira República ia morrer — o divórcio entre os nossos trabalhadores e os governos que se sucediam na gerência da «res publica» cavara um abismo fatal no corpo da Nação.

Terminara a vida do Homem que enquanto ia elaborando a sua obra, se envolvia em lutas doutrinárias e polémicas literárias. A austeridade da sua vida e a sua dignidade de trabalhador intelectual, que em nada me parece prejudicada pelo facto de, às vezes, ter deixado imperfeitas certas peças do travejamento do seu grandioso edifício cultural — pois ele foi um pioneiro —, constituem um exemplo que, dos primeiros decénios do século, está a apontar-nos um caminho seguro e luminoso. Mas se tal caminho não for percorrido, se continuarmos envolvidos em discussões estereis que muitas vezes deixam sulcos separadores entre as pessoas, se continuarmos com exigências incomportáveis no presente momento histórico, prejudicando o trabalho ingente dos que estão a tentar erguer o Portugal novo — criaremos condições para o estabelecimento dialéctico de fórmulas políticas condenáveis. Só a austeridade, o respeito pelas pessoas e pelos que forem eleitos para o serviço público, fazendo-lhes embora uma crítica construtiva e delicada, e ainda o trabalho fecundo baseado numa sólida e séria preparação profissional — poderão servir de esteio forte para a construção da nova estrutura político-social a que aspiramos.

JOSÉ NEVES

Do Alto de Sta. Maria

(Continuação da 4.ª página)

Então os jovens de barbas intensas, hirsutas, compridas e cabelos desgrenhados a ultrapassar os ombros esqueléticos, cobertos por blusas multicóres, disformes, curtas e compridas, aparatosas, enfim, exóticas, — não têm expediente para realizar um pequeno Carnaval?

Então a tal juventude progressiva, apanágio dum adiantamento moral e intelectual, não consegue fazer algo que se veja, mesmo no Carnaval?

Os imbecis guedelhudos, barbudos, exibicionistas, de trajes exóticos, quais mouros no tempo de D. Afonso Henriques, peneirentos e apresentadores de uma dialéctica só deles, que os outros deviam apresentar e não apresentam porque são atrasados, não conseguem fazer viver o ambiente que vai morrendo, lentamente!...

Não fazem viver o Carnaval sério, o Carnaval humorístico, o tal Carnaval dos jovens?

Não conseguem, sabem porque? Porque, disfarçados, andam eles todo o ano!

TIPOGRAFIA ARRENDA-SE

Recebe-se resposta em carta fechada nesta Redacção.



Eduardo Agostinho Carepa Missa de aniversário

Na Igreja de S. Paulo, desta cidade, será celebrada Missa por alma de Eduardo Agostinho Carepa às 9 horas do próximo dia 28 deste mês, em que completaria 34 anos de idade. Agradece-se a todas as pessoas que se dignarem assistir ao piedoso acto.

Nós e as Eleições

(Continuação da 1.ª página)

mais difícil ou impossível, quanto é certo também que o número de Partidos em presença na Campanha não se resumirá a dois ou três e ultrapassará, talvez, a meia dúzia, obrigando-nos portanto, e para dedicar espaço igual a todos eles, a descurar os restantes assuntos de interesse nacional e regional; e mesmo assim, só podendo dedicar um espaço praticamente insignificante a cada um deles, insuficiente para qualquer elucidação séria e completa dos leitores.

Apartidarismo político, todavia, não significa, nem pode significar nas circunstâncias actuais, neutralidade política. Entendemos mesmo que, na hora presente, nenhum português tem o direito de ser neutro em matéria política, pois Portugal precisa do concurso de todos os seus filhos, hoje mais do que nunca, para resolver os graves problemas com que se debate. Este jornal, consequentemente, não pode, não deve, nem quer ser neutro perante as Eleições que vão efectuar-se e das quais, sem dúvida nenhuma, depende o futuro do Povo Português.

Nestas condições, e já que o pequeno espaço de que dispõe não permite outra actuação mais ampla, este jornal, durante a Campanha Eleitoral, limitar-se-á: a publicar os emblemas ou siglas dos Partidos que disputarem as eleições, por forma a elucidar convenientemente os leitores, familiarizando-os com todas elas, para que as não confundam quando chegar o momento de fazerem a sua opção, assinalando então no seu boletim de voto a sigla daquele Partido em quem, livre e conscienciosamente, decidirem votar; e a publicar a matéria sobre Eleições que eventualmente, e nos termos da Lei Eleitoral, nos seja enviada pela própria Comissão Nacional das Eleições em tempo útil de a podermos inserir em cada número sem perda de oportunidade.

E é assim que contribuiremos, na medida das nossas bem fracas possibilidades materiais, mas com todo o interesse, para que os nossos leitores possam livre e conscienciosamente cumprir o seu dever de votar nas próximas Eleições.

«Povo Algarvio»



Joaquim Luís Bernardo

Missa e Agradecimento

Maria Laurinda de Sousa Bernardo, participa às pessoas que desejem assistir ao piedoso acto de missa do 30.º dia por alma de seu querido marido que tem lugar na Igreja de S. Paulo de Tavira pelas 9,30 horas do dia 26 do corrente e agradece também a todas as pessoas que a acompanharam à sua última morada com especial referência aos continuos da Escola Técnica de Tavira onde o extinto desempenhou funções na Biblioteca daquela mesma Escola, e bem assim àquelas que directa ou indirectamente lhes manifestaram o seu pesar.



CAFÉ IMPERIAL

ALMOÇOS, JANTARES E CEIAS
CERVEJARIA * RESTAURANTE

RESIDENCIAL — QUARTOS

E ÁGUAS QUENTES

TAVIRA

RUA JOSÉ PIRES PADINHA

TELEF. 22306

O ALGARVE de Semana a Semana

(Continuação da 4.ª página)

-presidente), Silvino Otávio Rosa Santos (secretário), Sebastião José Pires Teixeira (tesoureiro), Augusto José Martins, José Manuel Conceição Silva e Adão Pinto Contreiras (vogais): Conselho Fiscal — Maria de Lurdes Souza Ruiyó, José Carlos de Souza Cavaco e José Azinheira Rebelo.

JUNTAS DE FREGUESIA DO CONCELHO DE PORTIMÃO

As novas Comissões Administrativas das Juntas de Freguesia do Concelho de Portimão ficaram assim constituídas: Freguesia de Portimão — Fernão Boto dos Santos (presidente), António Monteiro Esperto e Victor Manuel do Rosário; Freguesia de Mexilhoeira Grande — Acácio do Carmo Conceição Joaquim (presidente), Joaquim Fernando Gorgulho da Silva e Manuel Pechão Martins da Silva. Na Freguesia de Alvor, o presidente nomeado para a Comissão Administrativa pediu a demissão e ainda não foi substituído; assim, encontram-se em exercício apenas: Francisco Paulo Pereira (secretário servindo de presidente) e Fernando do Carmo Malveiro.

INGLESES VISITAM O ALGARVE

Cerca de uma trintena de membros destacados da «Anglo Portuguese Society», de Londres, têm estado de visita ao Algarve, numa digressão promovida pela Casa de Portugal na capital inglesa e pelos T. A. P.. Os visitantes estiveram já em Monchique,

Praia da Oura, Albufeira, Portimão, Lagoa e Sagres e outros lugares da nossa Província.

SOCIEDADES RECREATIVAS

Cerca de 60 dirigentes de Sociedades de Educação e Recreio e Culturais do Algarve foram há dias recebidos em audiência pelo Governador Civil do nosso Distrito, sr. Dr. Filipe Madeira, a quem expuseram os graves problemas com que se debatem as mesmas sociedades, focando em especial os encargos que as oneram, cuja supressão ou redução pediram. O sr. Governador Civil prometeu estudar o assunto.

TOTOBOLA

CONCURSO N.º 26 — 2-Março-1975

Nome: «POVO ALGARVIO»

Morada: TAVIRA

CUF - Espinho	1
Oriental - Boavista	2
Belenenses - Farense	1
Olhanense - União de Tomar	1
Académico - Atlético	1
Porto - Setúbal	x
Guimarães - Benfica	2
Réguia - Braga	2
Feirense - Famalicão	2
Lousosa - Sanjoanense	x
Cova da Piedade - Estoril	2
União de Leiria - Montijo	1
Lusitano - Torreense	2

D. P.

Câmara Municipal de Tavira AVISO

Para geral conhecimento, avisam-se todos os municípes de que, nos termos do artigo 6.º do regulamento para a cobrança do Imposto para o Serviço de Incêndios e para seu interesse, devem apresentar na secretaria desta Câmara Municipal até ao dia 31 do próximo mês de Março, as declarações e recibos dos seguros referentes aos prédios e estabelecimentos que possuam neste concelho.

Tavira, 18 de Fevereiro de 1975

O Chefe da Secretaria,

Manuel José Romana Martins

Câmara Municipal de Tavira AVISO

No desejo de se contribuir para progressivamente se diminuir o consumo de energia e combustíveis, informa-se que foram adoptadas medidas para as quais se chama a atenção da população e se solicita o seu cumprimento.

- 1.º — A iluminação pública vai ser reduzida em 50%;
- 2.º — As montras devem limitar o horário de iluminação até às 21 horas;
- 3.º — Os espectáculos devem terminar até às 23,30 horas.

Agradece-se que estas limitações aprovadas em Conselho de Ministros sejam aplicadas imediatamente.

Paços do Concelho de Tavira, 5 de Fevereiro de 1975

O Presidente da Comissão Administrativa,

José António dos Santos

Do Alto de SANTA MARIA

Por MORAIS CARNEIRO

Passou o Carnaval.
Passou em Tavira.
Mas não houve Carnaval, não se viu Carnaval em Tavira.

Até as festas, outrora tão garridas nesta cidade, vão desaparecendo, morrendo, acabando.

Tudo morre, tudo acaba, tudo desaparece nesta terra. Porquê? Porquê, Tavira, porquê?

Essa agora!... Mas, então o que se passa contigo?!

Acabaram as pequenas indústrias. Outras não nasceram e as que tentaram nascer, jamais floresceram.

O comércio atravessa uma crise imprópria do actual nível de vida.

Predestinada para um futuro agreste que não merece, Tavira jamais poderá cantar de poleiro em relação a qualquer vilória.

Até o Carnaval morreu nesta terra!

Onde está a tal juventude embrionária do progresso, a juventude contrária aos «botas-de-elástico», homens antiquados que não sabiam fazer coisa alguma?

(Continua na 3.ª página)

Pequenos Apontamentos de Trindade e Lima

● COOPERAÇÃO

Assistimos constantemente ao embate do presente com o passado, tentando abrir os caminhos do futuro. Poucas vezes como agora esse embate terá sido mais violento e fragoroso. É uma civilização que ameaça ruir para dar lugar a outra que promete ser mais igualitária, tratando os homens sem estabelecer entre eles abismos de procedência. Nós seremos considerados retrógrados por querer aproveitar do passado o que ele tem de respeitável e forte. Nas construções velhas há materiais aproveitáveis para erguer as novas.

Um dos pontos mais agudos que há no presente é a situação da mulher em face do homem. Não poderão ser iguais porque a Natureza não os criou em desigualdade, mas têm muitos pontos de contacto e temas de desfazer o antagonismo que entre eles se estabeleceu. Tem de existir coordenação sem haver subordinação. A mulher vem colaborando, em muitos pontos que lhes não eram permitidos, com o homem. Haja em vista a massa mais conservadora, pelo menos na Europa, que se entregou à chefia de uma mulher. E vamos aos exemplos de todos os dias, conforme é nosso hábito.

A senhora foi a casa da filha e voltou indignada porque o genro estava a engomar. Mas porque o não havia de fazer, se a esposa estava a descansar, de volta de um trabalho laborioso? A mulher sai hoje, de casa, o que dantes só era dado ao homem. Nós queremos a rainha do seu lar sem ser primeira nele. Não se imagine que esta concordância com a realização dos trabalhos domésticos feitos pelo homem advem de nós também os executarmos. A nossa congénita inabilidade e a recusa formal da nossa Companheira têm-nos afastado deles.

Mas vamos a outro exemplo. A senhora recebe na sua casa várias amigas a quem deseja obsequiar.

A certa altura da reunião diz em voz alta: «Ó Li-Li, anda cá». E quando esperavam ver aparecer o cão, vem o marido, a quem ordena: «Traz o chá». Isto já não é cooperação, é servilismo. O homem desce até à abjeção.

Sentados na mesa do nosso refeitório ouvimos uma senhora muito jovem dizer para uma sua amiga, que também ali estava sentada: «Que te parece o meu simpático marido? Que tem ele a ver com a minha vida?» Não suponham que andamos a escutar, que isso não nos consente a dureza do ouvido. Ouvia-o a gente em redor, pois foi dito em voz bastante alta. Chamar simpático ao marido, com a ironia com que o fez, amargura quem faz do casamento mais do que uma ligação sexual. Que ele não tenha nada com a sua vida é um viver de costas viradas que nem entre estranhos se admite.

Aproveitemos do passado o que ele tem de benéfico para o futuro!

Educação Física e Desportos

● GINÁSTICA

A Delegação Distrital da F. N. A. T. estuda neste momento a reestruturação das classes de ginástica que funcionam em Faro, destinadas especialmente a trabalhadores e sem quaisquer encargos para estes, aceitando sugestões sobre os dias e horas mais convenientes. Aquelas classes funcionam: a masculina no Ginásio do Liceu, às segundas-feiras, a partir das 19 horas e às quintas-feiras, a partir das 18,20 horas; a feminina no Pavilhão Gimno-Desportivo, às segundas-feiras das 18,20 às 19 horas e às quintas-feiras das 19,10 às 20 horas.

● ATLETISMO

No Campeonato Nacional de Corta Mato, realizado no passado domingo em Coimbra pela F. N. A. T., o Distrito de Faro esteve representado por 11 atletas, 1 e na primeira categoria e 10 na segunda. Estes atletas representavam os seguintes centros: Casa do Povo da Luz de Tavira, Casa do Povo de Paderne, CAT do Touring e Hotel D. Filipa e G. R. P. de Ferreiras.

● JOGOS DESPORTIVOS

Está em curso o Campeonato Distrital de Algarve em Basquetebol, promovido pela Delegação da F. N. A. T. e no qual tomam parte 4 grupos. Na primeira jornada os resultados foram os seguintes: CTT, 51 — TAP, 25; Aldeia Nova, 67 — Farauto, 36. Prevê-se para breve a disputa dos Campeonatos Distritais do Algarve em Andebol de Sete, promovido pela mesma Fundação.

● FUTEBOL

Decorre com entusiasmo o Campeonato Distrital de Futebol da F. N. A. T. com a participação de 11 equipas, distribuídas em duas categorias. Presentemente os respectivos líderes são o C. R. P. de S. Francisco e o Grupo Desportivo da Casa dos Pescadores de Santa Luzia (Tavira).

● OUTROS JOGOS E DESPORTOS

No passado dia 2 deste mês, efectuou-se o Campeonato Nacional de Ténis de Mesa da F. N. A. T., masculino e feminino. Entre os representantes do Algarve destacou-se José Manuel Constantino, do GAT do Montepio Geral (Faro), que obteve o segundo lugar na classificação geral.

A Delegação algarvia da F. N. A. T. estuda presentemente a organização de Campeonatos Distritais de Andebol de Sete, Pesca de Mar, Damas e Xadrez.

TEATRO AMADOR

● NAS CASAS DO POVO DO ALGARVE

Sob o patrocínio e superior orientação da Delegação Distrital da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (F. N. A. T.), continua a Organização de Grupos de Teatro Amador em várias instituições algarvias, designadamente nas Casas do Povo. De entre os destas últimas instituições encontram-se já em plena actividade as das Casas do Povo de Alte, Conceição de Faro e Alcantarilha; outros estão em ensaios intensivos, para iniciarem em breve a sua actividade.

«A Voz do Gafanhoto»

★ Ai, essa Sofiazinha, coitadinha, tão parvinha, a dizer «Eu amo-tel Eu amo-tel Eu amo-tel» Umas 36 vezes. Com uma cara de parva. E a companheira a quem o pai (era a companheira do pai também) a confiou! Sempre «cheia de um calor dentro do corpo, insaciável, bestial, como uma queimadura, etc., etc.». Uma depravada, essa «professora» da garota, até tentou encaminhá-la para amores lésbicos, enfim, ensinou-lhe tudo, tudo!

Mas que pena! Tantos quilómetros de filme, um só bom artista (o pai da moça, o Semedo). A Apolloni, uma coisa horrorosa. O Jorge, esse, sem personalidade, sem expressão, cara de parvo também. Realização fraquíssima. O operador de fotografia nem filmar sabe, pelo menos no que diz respeito a esta «produção sexual». Excesso de luz impressionante, nem filtros parece ter usado... Diálogos e monólogos horrorosos também. Se isto é o novo cinema nacional, oh, my God!

NOTÍCIAS DO TERMO DE TAVIRA

● O ASSOREAMENTO DO CANAL DE CABANAS

O assoreamento do canal de acesso à povoação piscatória das Cabanas é, sem dúvida, um dos problemas de mais urgente solução com que se debatem os habitantes daquele lugar da Freguesia da Conceição do nosso Concelho. Com vistas ao estudo das medidas urgentes que o caso requiere, esteve há dias nas Cabanas o Director-Geral dos Portos, acompanhado de alguns técnicos do seu departamento governamental. A visita, pela esperança de uma próxima melhoria da situação que a todos trouxe, causou grande júbilo aos marítimos locais.

● ESTRADA DE SANTO ESTEVÃO ÀS QUATRO ESTRADAS

Prosseguem em ritmo acelerado, segundo nos informa o nosso Correspondente, os trabalhos de reparação da estrada entre a aldeia de Santo Estevão, do nosso Concelho, e o cruzamento das Quatro Estradas, numa extensão de 2,5 quilómetros, trabalhos que foram há tempos adjudicados a um empreiteiro de Faro por 763.275\$00 e devem estar concluídos em Abril próximo. Trata-se de um melhoramento da maior importância para aquela localidade, dado o péssimo estado de conservação em que a estrada se encontrava há não poucos anos, e por isso tem o inteiro aplauso das populações por ele agraciadas. Dizem-nos, todavia, que as mesmas populações ainda mais satisfeitas ficariam se fosse possível o calcetamento das bermas da estrada, tal como se verifica em muitas outras. A faixa de rodagem é de apenas 4 metros em revestimento betuminoso; com o calcetamento das bermas, aquela não só teria mais duração e ofereceria mais segurança, como ficaria mais larga, com todas as vantagens consequentes para o trânsito.

Partidos Políticos no Algarve

● PLENÁRIO DISTRITAL DO M. D. C.

O Movimento Democrático Português reuniu, há dias, na vilade Loulé, o seu Plenário Distrital de Faro. O objectivo da reunião foi a escolha dos militantes do M. D. C. P. / C. D. E. que serão propostos como candidatos a deputados, pelo Circulo Eleitoral do Algarve, nas próximas Eleições para a Assembleia Nacional Constituinte.

Enfim, mais um grande barrete p'ó Zé Povinho! Pois está claro! Bem fez o gafanhoto... nem apa-

Por Don Carlos

receu! E se tivesse ido nem precisaria de bilhete de identidade. Hoje em dia nada é «proibido». Simplesmente «não aconselhável»... Aquilo até parecia uma «matinée» infantil de Domingo à tarde... E os moços de mais idade portaram-se como miúdos sem pais que lhes dêem um puxão de orelhas. Gritos, assobios, comentários obscenos, etc.. Um barulho infernal. Enfim, é o que eles dizem, «é a liberdade!»

Dessa «liberdade» falaremos no próximo Sábado... se Deus quiser!

Reflexionando...

Esta palavra Povo, que muita gente deposita nas mãos latini-parlas, depois que os romanos se apoderaram da Península Ibérica, aniquilando toda a sua cultura, confundindo-a, ao ponto de, anos mais tarde, os vindores, na sua grande ignorância, pensarem que essa cultura que lhes era agora ensinada, tinha a sua origem na mentalidade romana — tribos que partiram da dita Península e foram ocupar os terrenos, agora degelados, os quais são hoje a Itália.

Essa gente, fazendo parte da mais inculta da Península, levou a sua língua mas, com o tempo, ela foi deturpada, acabando em um grosseiro dialéctico. E foi com este dialeto que os romanos assaltaram e tomaram a Península Ibérica, proibindo aos vencidos falarem a sua Língua Científica, obrigando-os a usarem apenas aquele dialeto grosseiro!

Assim, hoje, tanto o Português, o Espanhol, o Italiano, o Francês e o Irlandês, são dialetos dessa Língua Científica outrora falada na dita Península Ibérica.

É triste ter de repetir, tanta vez, esta nota:

Foi a Igreja Católica quem deu a última punhalada nessa Língua Científica, depois da dominação romana, obrigando todos os habitantes a usarem o Latim em tudo e por nada.

Meu saudoso parente João Bonança, que foi Padre e insigne escritor deixou-nos um científico trabalho, com o qual provou toda a verdade existente nessa admirável Língua; e, Estácio da Veiga, Tavirense Ilustre e eminente Arqueólogo, descobriu, na povoação de Bensafrim, do Concelho de Lagos, dois cemitérios: um, a pouca profundidade, de origem romana; e, no mesmo plano, mais profundo, um outro de origem pré-histórica, Lusitano, com os seus monumentos escritos nessa língua falada na Península e também, o seu Abecedário formado por calhaus, com as respectivas Letras (ladras) pintadas. Tanto o seu descobridor como todos os seus colaboradores não souberam ler qualquer palavra gravada naqueles monumentos lusitanos.

Sabe-se, há muito, que, no Algarve, em Monchique, habitaram os homens mais cultos da Lusitânia, os quais usavam de Gramáti-

ca e tinham as suas Leis escritas em verso, com mais de seis mil anos a. de C..

Como é triste qualquer homem desconhecer a origem da Língua que fala, a qual o embalou no Berço, em menino!

E como não foi odiado o meu

Por Manuel Geraldo

parente João Bonança — homem honrado, que desertou da Igreja movido do seu carácter ser superior à Divina Comédia, pela sua elevada cultura e pela sua grande coragem em procurar ilucidar a ignorância, iluminando-a com a Luz bendita da Verdade!

(Continua na 2.ª página)

O ALGARVE de Semana a Semana

● ALGARVIOS NA ORDEM DOS ADVOGADOS

Para fazer parte, como vogal, do Conselho Superior da Ordem dos Advogados, foi eleito o jurisculto nosso comprovinciano Dr. João Olímpio Passos Valente; e para fazer parte, igualmente como vogal, do Conselho Distrital de Évora da mesma Ordem, foi eleito o advogado também nosso comprovinciano Dr. Júlio Filipe de Almeida Carrapato. Os eleitos exercem presentemente também, como é sabido, as funções de Presidente e Vice-Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Faro.

● JUNTAS DE FREGUESIA DO CONCELHO DE LAGOS

Foram nomeadas e empossadas as novas Comissões Administrativas das Juntas de Freguesia do Concelho de Lagos, que têm a seguinte constituição: Freguesia de Santa Maria (cidade) — José Manuel Paula Franco (presidente), Sebastião Cabral Valente e José Francisco Furtado Franco; Freguesia de S. Sebastião (cidade) — Belizário dos Reis

Pedro de Freitas

Tendo vindo ao Algarve por motivo de doença de uma pessoa de sua família, deus-nos o prazer da sua visita o nosso muito prezado colaborador e velho amigo Pedro de Freitas. Agradecemos a sua gentileza e as palavras de apreço que, na ocasião, teve para a nova fase da vida do nosso jornal e para quantos nele trabalham.

(presidente), Helder Encarnação Martins e José Tomé; Freguesia de Barão de S. João — Deodato dos Santos (presidente), José Figueiras e José Manuel Rosado Surdo; Freguesia da Luz — José António Neto (presidente), Agostinho José Coles e Joaquim Henriques Pereira; Freguesia de Bensafrim — António Vicente Pacheco (presidente), José Alves Gonçalves e Manuel Lourenço Pacheco; Freguesia de Odeixeira — José Domingos dos Reis (presidente), Joaquim Amado Vieira e Manuel Augusto Henrique Calado.

● O RANCHO FOLCLÓRICO DA FUZETA NA EUROPA

A convite da Comissão Regional de Turismo do Algarve, o Rancho Folclórico da Fuzeta, sem dúvida hoje um dos mais prestigiados agrupamentos algarvios do seu género (até tem já vários discos editados, o que muita gente ignora), vai exhibir-se no estrangeiro, designadamente na I. T. P. de Berlim (uma das maiores feiras turísticas da Europa), no «Salon des Vacances et Loisirs» de Bruxelas e na Feira de Turismo de Lausana, certames em que a nossa Província trará os seus pavilhões.

● CINE-CLUBE DO ALGARVE

Em recente assembleia geral, foram eleitos os novos Corpos Gerentes do Cine-Clube do Algarve, com sede em Faro, os quais ficaram assim constituídos: Assembleia Geral — José Maria Lopes da Costa (presidente), Gilberto Carvalhal Santos (vice-presidente) e José Maria Henriques de Oliveira (secretário); Direcção — Joaquim Veríssimo Prazeres (presidente), José Manuel Faísca Gregório (vice-

(Continua na 3.ª página)